

**Para além da estética e da saúde:
a academia de ginástica enquanto espaço de sociabilidade¹**

Miriã Anacleto (UEM/PR)

Resumo: Tendo por objetivo descrever e analisar o papel social das academias de ginástica no contexto moderno, essa comunicação será dividida da seguinte forma: na primeira parte apresentamos uma discussão sobre modernidade e corpo na Antropologia com a intenção de pontuar o processo de fabricação dos corpos nas academias de ginástica; na segunda parte descrevemos as academias de ginástica e o seu entorno ressaltando as formas de sociabilidade que proporcionam entre os indivíduos de diferentes gêneros e gerações; e por fim, na terceira parte, fazemos apontamentos sobre as observações em andamento e o trabalho de revisão bibliográfica que juntos contribuem para compreensão de que a busca pelas academias de ginástica extrapola os interesses por estética e saúde e viabiliza uma variedade de formas de sociabilidade, como indica Simmel.

Palavras-chave: Corpo; Esporte; Sociabilidade.

INTRODUÇÃO

A modernidade inaugurou uma nova forma de vivência, na qual a excitação e a qualidade de vida são fundamentais. Nessa sociedade marcada pela constante celebração da juventude e o crescente culto ao corpo, o último se torna vetor de construção identitária, objeto de consumo, de manipulação e de distinção social.

Uma vez que o processo de modernização urbana permite uma progressiva renovação de usos dos espaços públicos da cidade, a busca pelo corpo esteticamente ideal tem impulsionado o indivíduo moderno a se aventurar nas práticas esportivas visando atender a expectativa do imaginário social. Entretanto, outro fator determinante na escolha da prática de determinada atividade física é a sociabilidade, uma motivação importante para os indivíduos que procuram pessoas com afinidades capazes de sedimentar suas relações sociais, além de simplesmente manter a boa forma física.

¹Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

Desse modo, o esporte se apresenta como alternativa para a modelação do corpo ideal e para a promoção de interseccionalidades entre os indivíduos. Como consequência, as academias de ginástica e musculação configuram-se não somente como espaços de lazer, mas, sobretudo, como ambientes de realização estética, de promoção da saúde e como espaços de sociabilidade entre os gêneros e as diferentes gerações.

Tendo como suporte empírico a revisão bibliográfica acerca da temática corpo na Antropologia e demais trabalhos sobre academias de ginástica e musculação e o trabalho etnográfico em andamento em academias situadas na cidade de Maringá-PR, essa comunicação tem por objetivo descrever e analisar o papel social das academias de ginástica na modernidade, relacionando com o caráter da sociabilidade apresentado por Georg Simmel.

1. A CONSTRUÇÃO DO CORPO MODERNO

A preocupação com o corpo, na sociedade contemporânea, pode ser compreendida como algo que diz respeito à condição do indivíduo na modernidade. Sob o impacto combinado das indústrias de cosméticos, da moda, da publicidade e do cinema, a segunda década do século XX foi crucial na definição de um novo ideal físico. A combinação dessas quatro indústrias foi fundamental para a vitória do corpo magro sobre o gordo nesse período da história (FEATHERSTONE, 2003).

As reflexões de Antony Giddens também indicam a importância da década de 20 que, segundo o autor, representa o marco histórico do surgimento do ideal de magreza e do advento da dieta como um meio de perder gordura corporal e autorregular a saúde. Segundo Giddens (2002), o indivíduo nas sociedades pós-tradicionais, ou modernas, marcadas pela pluralidade de escolhas e multiplicidade de ambientes de ação, tem sobre si a responsabilidade de moldar o seu corpo como forma de definir sua identidade e o projeto do *self*².

De acordo com Castro (2004), os anos 50, 60 e 80 do século XX também merecem uma atenção especial, uma vez que foram momentos fundamentais para uma reflexão acerca do corpo. A *revolução de veraneio* a partir da segunda metade dos anos 1950 em decorrência da popularização do acesso às praias e dos *campings*, contribuiu

² No que se refere ao fenômeno da construção das identidades em contextos modernos, Giddens (2002) aponta que o *self* – entendido como autoidentidade – é produto de um projeto reflexivo, sendo o indivíduo o principal responsável por ele, no qual o corpo torna-se elemento central.

para a imposição de um novo conceito de férias de verão, em que a exposição do corpo passa a ocupar espaço central.

Já os anos 1960 são palco da difusão da pílula anticoncepcional, da chamada revolução sexual e do movimento feminista. Associados a contracultura e ao movimento hippie, contribuíram para tornar a corporeidade importante dimensão no contexto que marca a década. O corpo entra em cena como o local da transgressão, do delírio e do transe. Marcada pela consolidação da cultura juvenil ligada à formação de um mercado consumidor jovem, a década de 60 valoriza a adoção de um *estilo jovem* culminando na negação e fuga do processo de envelhecimento (CASTRO, 2004, p. 4).

Nos anos 1980 a corporeidade se destaca em termos de visibilidade e espaço na vida social. As atividades físicas passam a ser regulares e cotidianas, expressando-se na proliferação das academias de ginástica por todos os centros urbanos.

Diante dessa multiplicidade de eventos e transformações sociais, tanto a Sociologia quanto a Antropologia passaram a dar uma atenção especial ao corpo em seus estudos. Marcel Mauss produz uma abordagem pioneira do corpo como objeto da Antropologia. Desde 1936³ Mauss tem sugerido aos antropólogos a fazerem das “técnicas corporais” de cada cultura objeto de estudos. Entretanto, somente a partir da década de 70 é que a “antropologia do corpo” passou a conceber-se verdadeiramente como um campo de estudo específico e, especialmente, na década seguinte os distintos enfoques teórico-metodológicos nos estudos da corporalidade na vida social foram aprofundados.

David Le Breton em “A sociologia do corpo” (2007) percebe o corpo como importante elemento da expressão humana, objeto essencial para a compreensão do homem e da sua relação com o mundo. O corpo, como produtor de sentidos e propagador de significações, permite a inserção do ator no interior dos espaços social e cultural. Ele é o lugar de contato com o mundo, é a mola propulsora da visibilidade do ator nos laços sociais. Segundo Le Breton, “a existência é corporal” (2007, p. 7) e, uma vez que o processo de socialização da experiência corporal é pautado nas características de cada grupo social, a expressão corporal é “socialmente modulável” (Ibidem, p. 9).

De acordo com Le Breton (2007), inicialmente, na história da humanidade, o corpo era considerado como inferior à alma. Porém, na modernidade o corpo torna-se “o

³ MAUSS, Marcel 1979 (1936). Las técnicas del cuerpo y La noción de persona, pp. 309-336 y 337-356. En: **Sociología y Antropología**, Madrid: Tecnos. Lock, M. (1993).

mais belo objeto”⁴. O imaginário social do corpo passa a exercer controle sobre a égide da moral do consumo. O corpo é colocado no patamar supremo do prazer. O individualismo marcadamente presente na Era Moderna promove o hedonismo e o narcisismo que juntos elegem ao corpo o título de “significante de status social”. O corpo em destaque tornou-se objeto de consumo da modernidade e a ele é associado um valor incontestável.

Numa sociedade em que o corpo é objeto constante de preocupação, “a apresentação física de si parece valer socialmente pela apresentação moral” (LE BRETON, 2007, p.78). Ao corpo são atribuídos valores, julgamentos e avaliações, desse modo, ele passa a ser concebido como o cartão de visita do indivíduo. O corpo é a marca do indivíduo, é o que o distingue dos outros. É por meio dele e de sua apresentação física que o indivíduo se apresenta como ator. Desta maneira, a preocupação com a aparência, a ostentação e o desejo do bem-estar está sempre associada ao corpo, uma vez que ele está constantemente “sob a luz dos holofotes” (Ibidem, p. 10).

Consciente de que seu corpo e sua aparência estão sob constante análise social, é possível que o ator, principalmente o jovem, aventura-se a cada dia em superar as expectativas do social sobre si, e por isso engaja-se na busca pela aparência ideal, investindo tempo e dinheiro nas mais diversas técnicas, como dietas, cirurgias plásticas, o uso de produtos cosméticos e a prática de exercícios físicos em academias especializadas.

2. CARACTERÍSTICAS DO CAMPO

A cidade de Maringá, localizada no interior do estado do Paraná, é uma cidade de porte médio, bem planejada e de urbanização recente (RODRIGUES, 2004). Segundo dados do IBGE (2016), é a terceira maior do estado em extensão territorial e a sétima mais populosa da região sul do Brasil. No que se refere a sua economia, Maringá se destaca pelo setor de comércio e prestação de serviços. A agricultura continua a ser fundamental para a cidade, além da indústria e do setor terciário que satisfaz a grande maioria da população considerada de classe média.

Em relação à promoção da cultura, do esporte e do lazer, nos últimos anos Maringá vem sendo reconhecida por seus eventos festivos, como a feira agroindustrial

⁴ Expressão usada por Jean Baudrillard para descrever sua posição em relação ao corpo na obra **A sociedade de consumo**, de 1970.

popularmente conhecida como Expoingá, o Femucic, o Festival de Cinema, a Festa das Nações e dos Estados, a Festa da Canção, os passeios ciclísticos e as corridas de rua promovidas pela Secretaria Municipal de Esportes e Lazer⁵.

Seus diversos bosques são utilizados não apenas para o lazer, mas, também, como espaço de prática de exercícios físicos. Sendo uma cidade que promove a qualidade de vida e que prioriza a saúde, a prática de exercícios ao ar livre é aceita pela prefeitura e pela população de modo geral.

É comum, ao andar pelas ruas e avenidas da cidade, observar o grande número de academias de ginástica e musculação. Uma vez que o processo de modernização urbana permite uma crescente renovação de usos dos espaços públicos da cidade, as academias de ginástica tornaram-se espaços representativos de um novo olhar sobre a prática de exercícios, oferecendo à população urbana, inclusive, a possibilidade de assiduidade às atividades físicas e a construção dos seus corpos.

No que diz respeito a construção do *eu*, na escolha de estilos de vida pertinentes e na formação da autoidentidade na modernidade, Giddens (2002) coloca em relevo a multiplicidade de espaços e instituições que marcam a condição moderna, situando o indivíduo como ser atuante neste processo. Diante da multiplicidade e segmentação de cenários que constituem a vida moderna, os estilos de vida configuram-se em espaços, ou ambientes de ação específicos, denominados por Giddens (2002) de “setores de estilo de vida”, como por exemplo, as academias de ginástica.

As academias de ginástica e musculação combinam um amplo repertório de práticas e técnicas que contemporaneamente produzem o corpo de homens e mulheres, seja na sua materialidade que cruza natureza e cultura ou ainda, se assim se preferir, no conjunto de representações que sobre esses corpos recai. As academias podem ser entendidas como centros de culto a este objeto tão caro a nossa sociedade, como locais onde se desenvolve toda uma cultura em que o corpo se torna uma intersecção na qual são tecidos vocabulários, códigos, costumes, rituais e estruturas hierárquicas que conferem um modo de agir e de ser peculiares e normatizados por dispositivos variáveis de geração, gênero, etnia, pertencimento de classe, entre outros.

Marcellino (2003) argumenta que as academias podem ser classificadas como microequipamentos específicos, privilegiando os conteúdos físico-esportivos no lazer. As academias vêm ocupando cada vez mais espaço no contexto social, como

⁵ Para conferência de agenda e programação cultural da cidade, acessar o sítio eletrônico <<http://www2.maringa.pr.gov.br/site/>>.

organizações especializadas, prestadoras de serviços relacionadas com as atividades motoras, ou físico-esportivas, ou do movimento.

A escolha das academias que estão situadas em uma área nobre da cidade deuse, fundamentalmente, pelo interesse em perceber como a classe média maringaense trata a questão do culto ao corpo perfeito. Essas academias possuem estrutura física semelhante: aparelhos novos divididos por segmento corporal; espaço físico organizado contendo recepção, catraca, guarda volumes, música ambiente, televisores, ventiladores, espelhos, extintor de incêndio, quadro de avisos, bebedouro, banheiros e wifi; professores formados – ou cursando – em Educação Física; planos mensais com valores reduzidos; e oferecem atividades além da musculação e da ginástica convencional, como *spinning*, pilates, lutas e danças, por exemplo.

Quanto ao entorno, o espaço é marcado pelos mais diversos tipos de seguimentos: lojas comerciais, empresas privadas, edifícios residenciais, edifícios comerciais, casas, salões de beleza, escritórios, clínicas médicas, papelarias, oficinas, supermercados, *pet shops*, colégios e escolas particulares, farmácias, praças, agências bancárias, restaurantes, lanchonetes, postos de combustível, barzinhos, e, inclusive, um teatro. Uma das academias, localizada na região central da cidade, conta, ainda, com a proximidade de uma universidade e dois *shoppings centers*.

A localização das academias nesses âmbitos viabiliza o fluxo de pessoas. Suas instalações de fácil acesso, inclusive ao lazer nos arredores, é um fator que motiva a inserção dos indivíduos nesses espaços. Os alunos matriculados nessas academias de ginástica e musculação analisadas são, em sua maioria, pessoas que moram, trabalham ou estudam nas proximidades. Não focalizando uma faixa etária específica, essas academias comportam homens e mulheres em suas atividades que, desde adolescentes até idosos.

Os aparelhos, estrategicamente distribuídos pelo espaço da academia por segmento corporal, permite o contato entre os praticantes de musculação. Enquanto se está desenvolvendo o exercício ou até mesmo no período de descanso entre uma série e outra, é possível o diálogo com a pessoa que utiliza o aparelho ao lado. Quando há o “revezamento” de aparelho – um usa o aparelho enquanto o outro descansa – o diálogo é ainda mais comum.

Os diversos espelhos espalhados pelas paredes das academias, além de proporcionar a visualização pessoal permite a troca de olhares entre os usuários do espaço. Refletindo a todos, o espelho, de modo indireto, promove um contato entre os

indivíduos, mesmo que seja apenas visual, tanto com os alunos quanto com os professores.

As aulas de atividades aeróbicas e de dança, assim como as lutas, é o momento mais propício para a interação. O contato físico e verbal se dá de maneiras variadas, por exemplo: nas lutas, geralmente, é necessária a presença de um parceiro para o treino; durante a dança não é diferente; nas atividades aeróbicas um ajuda o outro, incentiva quem está desanimando ou cansando devido ao ritmo da aula e, ainda, reclama da dificuldade de execução de algum exercício.

Essas formas de contato, dentre outras, que ocorrem no âmbito das academias de ginástica promovem a interação entre os indivíduos culminando no fenômeno da sociabilidade.

3. PARA ALÉM DA ESTÉTICA E DA SAÚDE: PRINCIPAIS MOTIVOS PARA A ADERÊNCIA E PERMANÊNCIA NAS ATIVIDADES FÍSICAS EM ACADEMIAS DE GINÁSTICA

Algumas das práticas esportivas mais difundidas e populares na sociedade moderna são a musculação e a ginástica, ambas voltadas para a preocupação com a fabricação do corpo perfeito, bastante difundida pela classe média, relacionada com o culto higienista da saúde identificado por Bourdieu (1983).

Um dos fatores determinantes na aderência e permanência nas atividades físicas ofertadas pelas academias de ginástica é a estética. É notável a progressiva procura dos jovens e adultos por academias de ginástica e musculação, iniciando-se cada vez mais cedo na busca pelo corpo perfeito. Segundo Machado (2014), essa procura pelas academias de ginástica e musculação é consequência, exatamente, da busca pelo corpo ideal tão difundido:

Na contemporaneidade, o culto ao corpo insurge aos nossos olhos de forma avassaladora. Seja em lugares públicos, programas de TV, mídias sociais, o corpo “esculpido” nas academias de musculação e ginástica surge como sinônimo de beleza e de saúde são cada vez mais evidenciados como modelo a serem seguidos por homens e mulheres de diferentes faixas etárias (p.1).

Entretanto, a partir dos resultados levantados por alguns trabalhos a respeito da temática, é possível perceber a crescente aderência às academias e a permanência se dá por motivos variados e não somente pelo fator estético.

De acordo com os dados levantados por Marcellino (2003) em seu trabalho de campo realizado em academias de ginástica na cidade de Campinas, no estado de São

Paulo, mais de 90% dos entrevistados consideram a frequência a academias como uma de suas atividades de lazer, justificando pela possibilidade de escolha, de prazer, de diminuição do estresse, de relaxamento, de conhecer pessoas, de encontrar amigos e de quebra da rotina. Do total dos alunos entrevistados cerca de 20%, desenvolve outras atividades no espaço da academia, de maneira consciente, quase todas elas ligadas a conteúdos sociais:

[...] entre os motivos que levam os alunos a frequentarem as academias são relacionados, por ordem: saúde e condicionamento físico, estética, relaxamento, fazer amigos e encontrar amigos. Não foram detectadas diferenças significativas em termos de faixa etária e gênero. Em pergunta controle, colocada no instrumento, foram reafirmados esses motivos, sendo elencados, por ordem de importância, em termos de motivos concretos: as atividades físicas, as atividades esportivas e as atividades sociais (MARCELLINO, 2003, p. 53).

Na mesma linha de análise, Pacheco Pereira (1996) procurou identificar as razões que fundamentam o hábito de frequentar academias de ginástica no Rio de Janeiro. Por meio dos discursos dos participantes pôde enumerar em sua investigação os seguintes fatores: o condicionamento físico, a estética ou beleza corporal, a identidade pessoal e a socialização, a autorrealização com conteúdos de prazer, satisfação, disciplina e equilíbrio pessoal.

Em trabalho de campo envolvendo frequentadores de diferentes modalidades físicas em quatro academias da cidade de São Paulo, Castro (2004) destaca que as principais motivações para a aderência à prática de atividades físicas estão relacionadas a saúde, a estética e a busca de redes de sociabilidade aliadas a uma quarta importante motivação para a prática de atividade física: a culpa, resultado da atribuição ao indivíduo da responsabilidade pela aparência de seu corpo, sendo os defeitos e imperfeições corporais entendidos como produto de negligência e falta de cuidados consigo. Ainda, de acordo com a autora, a sociabilidade é outra motivação importante: “ao escolher praticar determinado tipo de atividade física, os indivíduos estão procurando pessoas com afinidades, algo que cimente suas relações sociais, além de simplesmente manter a forma ou livrar-se da culpa” (CASTRO, 2004, p. 8).

Santos e Knijnik (2006) afirmam que a socialização é um dos principais fatores para que haja aderência às atividades físicas em academias, com interesses pautados no combate à solidão, na construção de novas amizades e no apoio social entre todos que dividem o mesmo espaço. Além disso, identificam como um dos principais elementos favoráveis à manutenção regular da prática em academias a possibilidade de aprimoramento dos níveis de relacionamentos interpessoais, uma vez que, com base no

desenvolvimento do convívio, pode-se perceber melhorias em outros aspectos individuais, como a autoestima, a autoimagem e o autoconhecimento.

Outros trabalhos convergem para a mesma discussão: a saúde física relacionada à qualidade de vida é citada como principal motivador para a prática de musculação no estudo realizado por Alves e Piccoli (2010), com praticantes de musculação de uma academia de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. Napoli e Sene (2008) ao buscarem identificar os principais fatores motivacionais que levam praticantes de musculação a treinar no período vespertino na cidade de Jaguaruna, em Santa Catarina, elencaram o controle de estresse como a dimensão mais citada, seguida por saúde, sociabilidade, competitividade, estética e o prazer. Já para Andrade, Fonseca, Freitas e Schutz (2013), a dimensão que mais motiva os praticantes de musculação nas academias de São José, no estado de Santa Catarina, é o prazer seguido por saúde, estética, sociabilidade, controle de estresse e, por último, a competitividade.

Analisando todos esses trabalhos notamos, além da estética e da saúde, um terceiro elemento crucial para a aderência e a permanência da prática de atividades físicas em academias de ginástica: a sociabilidade.

3.1 A sociabilidade de Simmel

A sociedade, na concepção simmeliana, consiste na interação entre os indivíduos. As formas nas quais o estar com o outro, para o outro ou contra o outro, aqui entendida como interação, ganham vida própria podendo se enquadrar, ou não, na definição de sociabilidade. No entanto, é preciso esclarecer que o mero fato de estar com o outro, para o outro ou contra o outro, por si só, não consiste em sociabilidade. Para alcançar essa forma mais elevada de interação, é preciso cumprir outros requisitos.

De início, para haver sociabilidade, é preciso que haja a autonomização na interação entre quem está em sociação⁶. Por autonomização entendemos o ato de se

⁶ Em sua análise sociológica Georg Simmel compreende a sociedade como o significado da soma dos indivíduos em interação, onde ela é distinguida em duas diferenciações básicas: *forma* e *conteúdo*. Dessa postura intelectual decorre outra caracterização que é o fato de a interação se constituir a partir de dois objetivos centrais, a saber: *determinados impulsos* ou em *busca de certas finalidades*. Na definição do entendimento do *conteúdo* da sociação, Simmel alude que, o conteúdo da sociação, é tudo o que existe no indivíduo, tais como: impulsos, interesses finalidades, tendências entre outros. Isto é, conteúdo seria tudo aquilo que se encontra presente no indivíduo cujo objetivo consiste em causar ou mediatizar os efeitos sobre o outro, ou então, receber esses efeitos dos outros (SIMMEL, 2006, p. 60). A sociação é, portanto, a *forma* (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros ou teleologicamente determinados – se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam (Ibidem, p. 60-61).

liberar de determinados laços das realidades da vida, tal como um jogo se esvazia da vida à medida que passa a ser um mero entretenimento. O que é autenticamente “social” nessa existência é aquele ser com, para e contra com os quais os conteúdos e interesses materiais experimentam uma forma ou um fomento por meio de impulsos ou finalidades. Essas formas adquirem então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais, esse é justamente o fenômeno da sociabilidade (SIMMEL, 2006, p. 64).

Para que a relação seja de sociabilidade é preciso que ambas as pessoas que estejam envolvidas sintam o prazer nessa sociação. Outro fator da sociabilidade consiste no ato dos indivíduos apreciarem o puro processo de sociação em si, sem nenhum outro objetivo que não seja o de estar sociado. A sociabilidade, em oposição ao racionalismo que pode estar presente na interação, se desvencilha da realidade da vida social à medida que se poupa de determinados atritos e ocupa um papel simbólico na vida de alguns indivíduos. Decorre desse desvincilhamento da realidade, o entendimento da sociabilidade como a forma lúdica de sociação (Ibidem, p. 65).

A sociabilidade, de acordo com Simmel, não possui em si mesma, nenhuma finalidade objetiva, além do interesse em estar sociado. Ou seja, ela depende exclusivamente das personalidades entre os quais ela ocorre, em que não se deve buscar nada além da satisfação daquele instante. O que interessa é apenas o sucesso do momento sociável. Como consequência, as condições e os resultados do processo de sociabilidade são exclusivamente das pessoas que se encontram em sociação, numa situação em que a sociabilidade permanece limitada aos seus participantes (Ibidem, p. 66-67).

Na sociabilidade é preciso que o indivíduo exerça uma auto regulação. Em sua relação com os outros se torna necessário que nenhum interesse egoísta assuma a função reguladora. Essa é a situação que Simmel entende por elaboração construída *ad hoc*, em que o material da vida é determinado por uma ideia individual e moldado de forma particular. É dessas amarras que ele precisa se liberar para entrar em sociabilidade. Ele se livra de qualquer significado material da personalidade para entrar de maneira sociável apenas com as capacidades, os estímulos e interesses de sua humanidade pura. No tocante ao comportamento da pessoa, a discrição é outra condição necessária para existência da sociabilidade entre uma pessoa em relação à outra. Sua violação provoca a adulteração da sociabilidade. “A discrição é imprescindível com relação a si mesmo,

porque sua infração faria com que, em ambos os casos, a forma sociológica artificial da sociabilidade degenerasse em um naturalismo sociológico” (Ibidem, p. 68).

É nesse ponto que reside o limite da sociabilidade. A transposição desse limite ocorre quando os indivíduos entram em interação originada por propósitos e interesses objetivos, em que o fator pessoal e subjetivo aparece sem qualquer restrição. Nas situações dessa natureza, o que ocorre é uma forma de interação, mas não de sociabilidade, em função do não cumprimento dos requisitos acima elencados para a existência da sociabilidade. Simmel formula da seguinte maneira o princípio da sociabilidade: “cada indivíduo deve *garantir* ao outro aquele máximo de valores sociáveis (alegria, liberação, vivacidade) compatível com o máximo de valores *recebidos* por esses indivíduos” (Ibidem, p. 69).

Outro aspecto interessante da sociabilidade apontado pelo autor é que esta oferece um caso possivelmente único no qual o falar – a conversa – se torna legitimamente um fim em si mesmo, sem interesses objetivos.

3.2 As academias de ginástica como espaço de sociabilidade

Durante esse período de trabalho etnográfico nas três academias de ginástica na cidade de Maringá-PR, foi possível observar uma congruência com as motivações elencadas e descritas pelos demais trabalhos na área. A busca pela promoção da saúde e a qualidade de vida é um discurso comum entre os mais idosos, contudo, em conversas informais com alunos jovens, tanto mulheres quanto homens, em ambas as academias, é perceptível a predominância do fator estético como motivo para a aderência à prática de atividades físicas em academias de ginástica. Inclusive, muitos argumentam que continuam dedicados à atividade porque estão percebendo mudanças e/ou melhorias na estética corporal.

Quanto à sociabilidade e o lazer, é notável o entrosamento entre os alunos. A comunicação se estabelece pelas mais diversas temáticas, desde conversas informais até dicas de treino, alimentação e suplementação. Entre as mulheres é comum a “troca de figurinhas” sobre as roupas que estão vestindo e o local onde foram compradas. Entre os homens, predomina o diálogo sobre massa magra e suplementação. Interessante que o contato se dá além do espaço da academia. Muitos marcam saídas aos finais de semana, outros jogam futebol juntos durante a semana, outros participam de corridas juntos. Inclusive, em uma das academias – na qual eu fui aluna – foi criado um grupo no *WhatsApp* e foram incluídos os números de telefones celulares de todos os alunos que

quisessem participar do grupo. Nesse grupo, no qual fiz parte, os assuntos eram diversos, fugindo do que é restrito ao âmbito da academia e das práticas esportivas.

Além disso, é perceptível uma hierarquia dos corpos dentro do espaço da academia. A grande maioria dos praticantes de musculação e ginástica tem como objetivo serem classificados no maior *status* que alguém pode receber nesse ambiente: “sarados”, no caso dos homens, e “gostasas”, no caso das mulheres. Pude observar que essas nomenclaturas se dão de acordo com o “modelo” de corpo que o indivíduo apresenta, e essa classificação não se dá somente pelo eu, mas pelos demais que o observam e o julgam como tal. Aliás, ser considerado apenas como “comum” (corpo normal, sem nenhum atrativo diferenciado), é sinônimo de fracasso e requer mais dedicação - fugindo da culpa identificada por Castro (2004). E desse modo, pela identificação corpórea, esses grupos formam redes de sociabilidade, cuja linguagem, vestimenta, e, inclusive, treino são semelhantes.

A sociabilidade nesse ambiente é interessante porque não pressupõe um fim em si mesmo, como delimita Simmel, exceto o prazer de se comunicar e estar em contato com o outro. Os indivíduos trocam experiências com pessoas independente de sua posição social, raça, credo, sem conhecerem sua história de vida, suas emoções, seus afazeres diários, seus bens, sua profissão, sua ocupação e, muitas vezes, nem mesmo o seu nome. Num espaço onde o que vale é a prática de exercícios físicos, todos se tornam semelhantes pelo simples fato de estarem envolvidos nas atividades que a academia oferece.

Em resumo, procuramos refletir acerca da singularidade e da complexidade da construção do corpo por parte do indivíduo moderno, seja em suas características físicas quanto em suas dimensões sociais. Nesse contexto, podemos perceber a academia de ginástica como um espaço de lazer que possibilita modificações corporais e redes de sociabilidade, configurando-se num território propício para a fabricação de corpos ideais ao imaginário social.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. Como se pode ser esportivo?. In **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983.

ALVES, E.E.; PICCOLI, J.C.J.; Perfil motivacional e a prática da atividade física: um estudo sobre uma academia de ginástica e musculação em Novo Hamburgo,

RS. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, Año 15, Nº 151, Diciembre de 2010.

ANDRADE, R.L; FONSECA, F; FREITAS, E.S; SCHUTZ, G.R. Motivação à prática da musculação: um estudo nas academias de São José. **EFOesportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, Año 18, Nº 179, Abril de 2013.

CASTRO, A. L. Culto ao corpo: identidades e estilos de vida. **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. Coimbra, Portugal, Setembro de 2004.

FEATHERSTONE, M. O curso da vida: corpo, cultura e imagens do processo de envelhecimento. In: DEBERT, G.G. **Antropologia e velhice. Textos didáticos**. Campinas: IFCH/UNICAMP, Março de 1993.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CIDADES. **IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=411520>>. Acesso em 14 de junho de 2016.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MACHADO, L. C. S. Os corpos cultivados nas academias de musculação como forma de capital. **29ª Reunião Brasileira de Antropologia**. Natal, RN, Agosto de 2014.

MARCELLINO, N. C. Academias de ginástica como opção de lazer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília, v.11, N. 2, p. 48-54, Junho de 2003.

NAPOLI, A. C.; SENE, R. F. Os principais fatores motivacionais que levam praticantes de musculação a treinar no período vespertino na cidade de Jaguaruna, SC. **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, Año 13, N. 124, Septiembre de 2008.

PACHECO PEREIRA, G. B. **Ginástica de academia: potência de ser e equilíbrio pessoal**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro, U.G.F., 1996.

RODRIGUES, Ana Lucia. Características do Processo de Urbanização de Maringá, Pr: uma cidade de “porte médio”. **CADERNOS METRÓPOLE**, N. 12, p. 95-121, 2º semestre de 2004.

SANTOS, S. C.; KNIJNIK, J. D. Motivos de Adesão à Prática de Atividade Física na Vida Adulta Intermediária. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, V. 5, N.1, p. 23-34, 2006.

SIMMEL, G. A sociabilidade. In: **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 59-82, 2006.